

VERONICA ROTH

QUATRO
A TRANSFERÊNCIA

UMA HISTÓRIA DA SÉRIE
DIVERGENTE

ROCCO|HIAI

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A TRANSFERÊNCIA

UMA HISTÓRIA DA SÉRIE

DIVERGENTE

VERONICA ROTH

TRADUÇÃO DE
LUCAS PETERSON

ROCCO

SUMÁRIO

[A transferência: uma história da série Divergente](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)

A TRANSFERÊNCIA: UMA HISTÓRIA DA SÉRIE DIVERGENTE

ACORDO DA SIMULAÇÃO com um grito. Meu lábio arde, e, quando afasto a mão dele, há sangue nas pontas dos meus dedos. Devo tê-lo mordido durante o teste.

A mulher da Audácia que está administrando o meu teste de aptidão — Tori, como ela disse se chamar —, olha para mim com uma expressão estranha ao prender o cabelo preto em um coque. Seus braços são marcados de cima a baixo com tatuagens — chamuscas e raios de luz e asas de gavião.

– Enquanto estava na simulação... você tinha consciência de que ela não era real? – pergunta Tori ao desligar a máquina. Ela soa e age de forma natural, mas sua naturalidade é calculada, resultado de anos de prática. Percebo isso imediatamente. Eu sempre percebo.

De repente, ouço o meu próprio batimento cardíaco. Isso é o que meu pai disse que aconteceria. Ele sabia que me perguntariam se eu estava consciente durante a simulação. E me preparou para o que eu deveria responder.

– Não – respondo. – Se eu estivesse, acha que teria mordido o lábio deste jeito?

Tori me estuda por alguns segundos, depois morde a argola em seu lábio antes de responder:

– Parabéns. Você apresentou um resultado típico da Abnegação.

Assinto com a cabeça, mas a palavra “Abnegação” é como uma corda ao redor do meu pescoço.

– Não ficou satisfeito? – pergunta ela.

– Os membros da minha facção ficarão.

– Não perguntei sobre eles, perguntei sobre você. – Os cantos da boca e dos olhos de Tori desabam, como se carregassem pesos. Como se ela estivesse triste por algum motivo. – Esta sala é segura. Você pode falar o que quiser aqui.

Eu sabia quais seriam as minhas opções no teste de aptidão antes mesmo de chegar na escola de manhã. Escolhi a comida, e não a arma. Joguei-me na frente do cachorro para salvar a menininha. Eu sabia que depois de fazer essas escolhas o teste terminaria e o resultado seria Abnegação. E não sei se faria escolhas diferentes se meu pai não tivesse me preparado e controlado todos os aspectos do meu teste de aptidão a distância. Então, o que eu estava esperando? Qual facção queria?

Qualquer uma. Qualquer uma, menos a Abnegação.

– Estou satisfeito – respondo com firmeza. Não importa o que ela diz. Esta sala não é segura. Não existem salas seguras, assim como não existem verdades seguras, ou segredos que podem ser contados com segurança.

Ainda consigo sentir os dentes do cachorro se fechando no meu braço, rasgando a minha pele. Assinto com a cabeça para Tori e começo a caminhar em direção à porta, mas, antes que eu saia, ela agarra o meu cotovelo.

– É você quem precisará conviver com a sua escolha – diz ela. – Os outros vão superar, seguir em frente, não importa a sua decisão. Mas você nunca conseguirá fazer isso.

Abro a porta e saio da sala.

+ + +

Volto para o refeitório e me sento à mesa da Abnegação, entre pessoas que mal me conhecem. Meu pai não permite que eu frequente a maioria dos eventos da comunidade. Segundo ele, eu causaria algum transtorno, faria alguma coisa para prejudicar a sua imagem. Eu não ligo. Fico mais feliz em meu quarto, na casa silenciosa, do que entre os membros deferentes e obsequiosos da Abnegação.

Mas uma consequência da minha ausência constante é que os outros membros da Abnegação desconfiam de mim, convencidos de que há algo de errado comigo, de que sou um enfermo, um imoral, estranho. Mesmo quem está disposto a me cumprimentar com um aceno de cabeça não encara diretamente os meus olhos.

Sento-me abraçando os joelhos e observo as outras mesas, enquanto os alunos terminam seus testes de aptidão. A mesa da Erudição está coberta de papéis, mas nem todos estão estudando. Eles estão apenas se exibindo, trocando conversas, e não ideias, voltando os olhos de novo para as palavras sempre que desconfiam que alguém está olhando. Os membros da Franqueza falam alto, como sempre. Os membros da Amizade riem, gargalham, tiram comida dos bolsos e distribuem entre si. Os membros da Audácia são barulhentos, largam-se sobre as mesas e cadeiras, apoiando-se em seus amigos, cutucando e implicando uns com os outros.

Eu preferiria qualquer outra facção. Qualquer outra facção que não fosse a minha, em que todos já decidiram que não sou digno de atenção.

Finalmente, uma mulher da Erudição entra no refeitório e levanta a mão, pedindo silêncio. Os membros da Abnegação e da Erudição se calam na mesma hora, mas ela precisa gritar para chamar a atenção dos integrantes da Audácia, Amizade e Franqueza.

– Os testes de aptidão estão concluídos – anuncia ela. – Lembrem-se de que vocês não têm permissão de discutir seus resultados com *ninguém*, nem mesmo seus amigos e familiares. A Cerimônia de Escolha será amanhã à noite no Eixo. Tentem chegar com pelo menos dez minutos de antecedência. Vocês estão liberados.

Todos correm em direção às portas, menos as pessoas da nossa mesa, que esperam todos terem deixado o refeitório antes até de se levantarem. Conheço o caminho que meus companheiros da Abnegação seguirão para ir embora, passando pelo corredor e saindo pelas portas da frente, até o ponto de ônibus. Eles talvez passem mais de uma hora lá, permitindo que as outras pessoas embarquem na frente. Acho que não consigo mais suportar esse silêncio.

Em vez de segui-los, escapo por uma porta lateral, saindo em um beco ao lado da escola. Já fiz esse caminho antes, mas costumo me esgueirar devagar por ele, tentando evitar ser visto ou ouvido. Hoje, quero apenas sair correndo.

Corro até o final do beco e pego a rua vazia, saltando um buraco na calçada. Meu casaco largo da Abnegação balança com o vento, e eu o deixo escorregar por meus ombros até que ele fique sacudindo atrás de mim, como uma bandeira, e então o solto. Puxo as mangas da camisa até os cotovelos ao correr, desacelerando um pouco quando meu corpo já não aguenta manter a velocidade. Parece que a cidade inteira está passando por mim, formando um borrão que mistura todos os prédios. Ouço o ruído de meus passos como se fosse um som distante.

Afinal preciso parar, com os músculos ardendo. Estou no páramo dos sem-facção, entre o setor da Abnegação e as sedes da Erudição e da Franqueza, e das nossas áreas comuns. Em todas as reuniões de facção, nossos líderes, geralmente representados pelo meu pai, afirmam que não devemos temer os sem-facção, e que devemos tratá-los como seres humanos, não como criaturas violadas e perdidas. Mas nunca me ocorreu temê-los.

Caminho até a calçada para poder olhar pelas janelas dos prédios. Em geral, vejo apenas móveis antigos em cada cômodo vazio, com lixo espalhado pelo chão. Quando a maioria dos habitantes da cidade foi embora (o que certamente aconteceu, já que a nossa população atual não ocupa todos os edifícios), ela não deve ter saído com pressa, porque os lugares onde moravam estão muito vazios. Não sobrou nada de interessante.

No entanto, quando passo por um dos edifícios de esquina, vejo algo no interior. O cômodo do outro lado da janela está tão vazio quanto qualquer um dos outros pelos quais passei, mas, do outro lado de uma porta, lá dentro, vejo uma única brasa, um carvão aceso.

Franzo a testa e paro diante da janela para tentar abri-la. A princípio, ela nem se move, mas depois que a sacudo ela se abre de repente. Passo o torso primeiro, depois as pernas, desabando sem jeito no chão do lado de dentro. Meus cotovelos ardem ao se arranharem no chão.

O edifício cheira a comida, fumaça e suor. Caminho devagar em direção à brasa, atento a vozes que revelem a presença dos sem-facção, mas ouço apenas o silêncio.

No cômodo seguinte, as janelas estão enegrecidas por tinta e sujeira, mas deixam atravessar um pouco da luz do dia, permitindo que eu veja catres enrolados espalhados por todo o chão do cômodo e latas velhas com restos de comida seca presos no interior. No centro do cômodo, há uma pequena grelha sobre carvões. A maioria dos pedaços de carvão está branca, já consumida, mas um deles ainda está aceso, sugerindo que quem quer que tenha estado ali não foi embora há muito tempo. E, a julgar pelo cheiro e pela quantidade de latas e cobertores, havia um bocado de gente ali.

Sempre me ensinaram que os sem-facção vivem sem comunidade, isolados uns dos outros. Agora, vendo este lugar, pergunto-me como pude acreditar nisso. O que os impediria de formar grupos, assim como nós fizemos? É a nossa natureza.

– O que você está fazendo aqui? – pergunta uma voz, que me atravessa como um choque elétrico. Eu me viro e vejo um homem sujo e de rosto amarelado no cômodo ao lado, limpando as mãos em uma toalha esfarrapada.

– Eu estava apenas... – Olho para a grelha. – Eu vi fogo. Só isso.

– Ah. – O homem enfia a ponta da toalha no bolso traseiro. Ele veste calças pretas da Franqueza remendadas com tecido azul da Erudição e uma camisa cinza da Abnegação exatamente como a que estou vestindo. É bastante esguio, mas parece forte. Forte o bastante para me machucar, mas acho que ele não vai fazer isso.

– Obrigado, eu acho – diz ele. – Mas não há incêndio algum aqui.

– É, eu percebi – digo. – Que lugar é este?

– É a minha casa – responde ele, com um sorriso frio. Ele não tem um dos dentes. – Não sabia que receberia visita, então não me preocupei em arrumá-la.

Desvio o olhar para as latas espalhadas pelo chão.

– Você deve se revirar muito, para precisar de tantos cobertores.

– Nunca conheci um Careta que se intrometesse tanto na vida dos outros – diz ele. Ele se aproxima de mim e franze a testa. – Você me parece um pouco familiar.

Sei que é impossível que eu o tenha visto antes. Não onde vivo, cercado por casas idênticas, no bairro mais monótono da cidade, rodeado de pessoas com roupas cinzentas idênticas e cabelos curtos

idênticos. E então me ocorre: embora meu pai se esforce para me manter escondido, ele continua sendo o líder do conselho, um dos homens mais importantes da cidade, e continuo parecido com ele.

– Perdão por tê-lo incomodado – digo, na minha melhor voz de membro da Abnegação. – Já vou indo.

– Sim, eu conheço você – diz o homem. – Você é filho de Evelyn Eaton, não é?

Meu corpo enrijece quando ouço o nome dela. Há anos não o ouço, porque meu pai não o pronuncia e finge nem reconhecê-lo se alguém o menciona. Ser conectado a ela outra vez, mesmo que apenas através da semelhança física, parece estranho, como vestir uma antiga peça de roupa que não cabe mais.

– Você a conhecia? – Ele devia conhecê-la bem se consegue reconhecê-la em meu rosto, que é mais pálido do que o dela, e com olhos azuis, não marrom-escuros. A maioria das pessoas não prestou atenção o suficiente para perceber todas as coisas que tínhamos em comum: nossos dedos longos, nossos narizes aquilinos, nossas sobrelhas retas e franzidas.

Ele hesita por um instante.

– Às vezes ela se voluntariava com outros membros da Abnegação. Distribuindo comida, cobertores e roupas. Ela tinha um rosto marcante. Além disso, era casada com um líder de conselho. Todos não a conheciam?

Às vezes, sei que as pessoas estão mentindo apenas pela maneira como sinto as palavras me pressionando, de forma desconfortável e forte, como uma pessoa da Erudição se sente ao ver um erro gramatical. Não sei como ele conhecia a minha mãe, mas certamente não era apenas porque ela lhe entregou uma lata de sopa alguma vez na vida. Mas estou tão ansioso para ouvir mais a respeito dela que não insisto no assunto.

– Ela morreu, sabia? – digo. – Há anos.

– Não, eu não sabia. – Um dos cantos da boca dele se curva um pouco para baixo. – Sinto muito.

Sinto-me estranho neste lugar úmido, que cheira a corpos vivos e a fumaça, em meio a latas vazias que sugerem pobreza e o fracasso em se encaixar. Mas também há algo atraente aqui, certa liberdade

ou uma recusa de pertencer às categorias arbitrárias que inventamos para nós mesmos.

– Sua Escolha deve ser amanhã, já que você parece tão preocupado – observa o homem. – Que facção você tirou?

– Não devo contar para as outras pessoas – respondo automaticamente.

– Não sou outra pessoa – diz ele. – Sou ninguém. É isso que significa ser um sem-facção.

Mesmo assim, não digo nada. A proibição de revelar o resultado do meu teste de aptidão ou qualquer um dos meus outros segredos é construída rigidamente no molde que me faz e refaz todos os dias. É impossível mudar isso agora.

– Ah, um seguidor de regras – diz ele, como se estivesse desapontado. – Sua mãe me disse certa vez que ela sentia que a inércia a havia levado para a Abnegação. Foi o caminho da resistência mínima. – Ele dá de ombros. – Confie em mim quando digo, garoto Eaton, que vale a pena resistir.

Sinto uma onda de raiva. Ele não deveria estar falando sobre a minha mãe, como se ela pertencesse a ele e não a mim, e não deveria estar me fazendo questionar tudo o que lembro a respeito dela, só porque ela talvez tenha servido, ou não, comida para ele algum dia. Ele não deveria estar me contando nada. Ele não é ninguém, é um sem-facção, separado, não é nada.

– É mesmo? Olha só para onde a resistência levou você. Para uma vida de latas vazias em edifícios decadentes. Não me parece tão bom assim.

Começo a caminhar em direção à porta de onde o homem veio. Sei que encontrarei uma saída para o beco em algum lugar ao lado do edifício; não me importa onde, desde que eu consiga ir embora o mais rápido possível.

Escolho um trajeto, tomando cuidado para não pisar em nenhum cobertor. Quando chego ao corredor, o homem diz:

– Prefiro comer de uma lata a ser oprimido por uma facção.
Não olho para trás.

+ + +

Ao chegar em casa, sento-me no degrau de entrada e respiro fundo o ar frio da primavera por alguns minutos.

Foi a minha mãe quem me ensinou a aproveitar momentos como este, momentos de liberdade, embora ela não soubesse disso. Eu a vi fazer isso, escapar pela porta da frente depois de escurecer enquanto meu pai dormia, depois voltar escondida para casa, quando a luz do sol começava a surgir atrás dos prédios. Ela também aproveitava esses momentos quando estava conosco, diante da pia, de olhos fechados, tão distante do presente que nem me ouvia falar com ela.

Mas também aprendi outra coisa observando-a: os momentos livres sempre precisam acabar.

Levanto-me, limpo pedaços de cimento das minhas calças de cor cinza e abro a porta. Meu pai está sentado na poltrona da sala de estar, cercado por uma papelada. Ajeito a postura para não ser repreendido por andar curvado. Caminho em direção à escada. Talvez ele me deixe ir para o meu quarto, talvez não preste atenção em mim.

– Conte-me sobre seu teste de aptidão – diz ele, apontando para o sofá.

Atravesso a sala, saltando cuidadosamente uma pilha de papéis sobre o carpete, e me sento onde ele apontou, bem na ponta do sofá, para poder me levantar depressa.

– E então? – Ele retira os óculos e olha para mim, esperando uma resposta. Ouço certa tensão em sua voz, típica de um dia difícil no trabalho. É melhor eu tomar cuidado. – Qual foi o resultado?

A possibilidade de me recusar a responder nem passa pela minha cabeça.

– Abnegação.

– Nada mais?

Franzo a testa.

– Não, é claro que não.

– Não olhe para mim assim – diz ele, e minha testa franzida volta ao normal. – Não aconteceu nada de estranho em seu teste?

Durante o meu teste, eu sabia onde estava. Sabia que, apesar de parecer que eu me encontrava no refeitório da escola secundária, na

verdade continuava prostrado sobre uma cadeira na sala do teste de aptidão, conectado a uma máquina por uma série de fios. Aquilo foi estranho. Mas não quero falar sobre isso agora, quando consigo ver o estresse crescendo dentro dele, como uma tempestade.

– Não – respondo.

– Não minta para mim – ordena ele, agarrando o meu braço e apertando os dedos como um torno. Não olho para ele.

– Não estou mentindo – digo. – Meu resultado foi Abnegação, como esperado. A mulher quase nem olhou para mim quando deixei a sala. Eu juro.

Ele me solta. Meu braço lateja onde ele me agarrou.

– Ótimo – diz ele. – Você certamente precisa pensar um pouco. É melhor ir para o seu quarto.

– Sim, senhor.

Levanto-me e atravesso a sala outra vez, aliviado.

– Ah – diz ele. – Alguns dos meus colegas do conselho virão aqui hoje, então é melhor você jantar mais cedo.

– Sim, senhor.

+ + +

Antes do pôr do sol, pego comida dos armários e da geladeira: dois pães e cenouras cruas, ainda com as folhas, um pedaço de queijo, uma maçã e restos de frango sem tempero. Todas as comidas têm o mesmo gosto, de poeira e pasta. Mantenho os olhos na porta para não esbarrar em nenhum colega do meu pai. Ele não ia gostar se eu ainda estivesse no andar de baixo quando eles chegassem.

Estou terminando um copo de água quando o primeiro membro do conselho alcança a porta da frente, então passo correndo pela sala de estar antes que meu pai alcance a porta. Ele me espera passar pelo balaústre, com a mão na maçaneta e as sobrelanceiras erguidas na minha direção,. Ele aponta para o segundo andar, e eu subo os degraus apressadamente enquanto ele abre a porta.

– Olá, Marcus. – Reconheço a voz de Andrew Prior. Ele é um dos amigos de trabalho mais próximos do meu pai, o que não significa nada, porque ninguém conhece meu pai *de verdade*. Nem eu.

Do alto da escada, olho para Andrew. Ele limpa os sapatos no capacho. Às vezes, vejo-o com sua família, uma unidade perfeita da Abnegação, Natalie e Andrew, e o filho e a filha (que não são gêmeos, mas estão no mesmo ano da escola, dois antes do meu), todos caminhando serenamente pela calçada, cumprimentando as pessoas por quem passam com um aceno de cabeça. Natalie organiza todas as ações voluntárias entre os membros da Abnegação. Minha mãe provavelmente a conhecia, embora raramente frequentasse eventos sociais da Abnegação, preferindo guardar seus segredos, como guardo os meus, dentro de casa.

Os olhos de Andrew encontram os meus, e eu corro pelo corredor até o meu quarto, fechando a porta atrás de mim.

Para todos os efeitos, meu quarto é tão esparso e limpo quanto qualquer outro da Abnegação. Os lençóis e cobertores cinzentos estão bem presos ao colchão fino, e meus livros escolares foram empilhados ordenadamente, em uma torre perfeita, em cima da mesa de madeira compensada. Uma pequena cômoda com várias roupas idênticas fica ao lado de uma pequena janela, que permite a entrada mínima de luz solar à tarde. Pela janela, consigo ver a casa ao lado, idêntica à minha, mas quatro metros e meio para a direita.

Sei como a inércia levou minha mãe à Abnegação, se é que aquele homem falou a verdade sobre o que minha mãe teria dito. Também consigo ver isso acontecendo comigo amanhã, quando estiver diante dos recipientes de elementos das facções, com uma faca nas mãos. Existem quatro facções que não conheço e nas quais não confio, com práticas que não compreendo, e apenas uma que é familiar, previsível, compreensível. Escolher a Abnegação pode não me levar a uma vida de grande felicidade, mas pelo menos vai me levar a uma situação confortável.

Sento-me na beirada da cama. *Não, não vai*, penso, depois engulo o pensamento, porque sei de onde ele vem: a parte infantil dentro de mim, que teme o homem reinando sobre a sala de estar. O homem cujos punhos conheço melhor do que os abraços.

Verifico se a porta está bem fechada e prendo a cadeira sob a maçaneta, só para ter certeza. Depois, agacho-me ao lado da cama e enfio a mão debaixo dela, para pegar o baú que guardo ali.

Minha mãe me deu o baú quando eu era criança e disse para o meu pai que serviria para guardar cobertores e que o tinha encontrado em um beco qualquer. Mas, ao guardá-lo no meu quarto, ela não o encheu de cobertores. Ela fechou a porta e posicionou o dedo sobre a boca, pousando o baú sobre a cama para abri-lo.

Dentro do baú destrancado havia uma escultura azul. Parecia água se derramando, mas era de vidro, completamente transparente, polida, perfeita.

– O que isso faz? – perguntei para ela.

– Nada de óbvio – respondeu ela e depois sorriu, mas seu sorriso foi tenso, como se ela temesse algo. – Mas pode fazer alguma coisa aqui. – Ela tocou o próprio peito, bem acima do esterno. – Coisas lindas, às vezes, fazem isso.

Desde então, tenho enchido o baú com objetos que outras pessoas considerariam inúteis: óculos velhos sem lentes, fragmentos de placas-mãe descartadas, velas de automóveis, fios desencapados, o gargalo quebrado de uma garrafa verde, uma navalha enferrujada. Não sei se minha mãe, ou até mesmo eu, consideraria esses objetos lindos, mas cada um deles teve sobre mim o mesmo efeito da escultura. Eram coisas secretas, ou valiosas, talvez simplesmente por serem tão ignoradas.

Em vez de pensar sobre o resultado do meu teste de aptidão, seguro, um a um, os objetos e os giro nas mãos para memorizar cada parte deles.

+ + +

Acordo assustado ao ouvir os passos de Marcus no corredor, do lado de fora do meu quarto. Estou deitado na cama, com os objetos espalhados ao meu redor, sobre o colchão. Os passos desaceleram à medida que ele se aproxima da minha porta, e eu pego as velas de automóvel, as peças de placa-mãe e os fios, jogo tudo dentro do baú e o tranco, guardando a chave no bolso. Percebo no último segundo, quando a maçaneta começa a girar, que a escultura continua fora do baú, então a enfio debaixo do travesseiro e empurro o baú para debaixo da cama.

Depois salto até a cadeira e a retiro debaixo da maçaneta para que meu pai consiga entrar.

Ao entrar, ele olha para a cadeira na minha mão, desconfiado.

– O que isso estava fazendo aí? – pergunta ele. – Você está tentando me impedir de entrar?

– Não, senhor.

– É a segunda vez que você mente para mim hoje – diz Marcus. – Não criei o meu filho para ser um mentiroso.

– Eu... – Não consigo pensar em absolutamente nada para dizer, então apenas me calo e ponho a cadeira diante da mesa, onde é o seu lugar, bem atrás da pilha perfeita de livros escolares.

– O que você estava fazendo aqui dentro que não queria que eu visse?

Agarro o braço da cadeira com força e encaro os meus livros.

– Nada – respondo baixinho.

– É a terceira mentira – diz ele em um tom baixo, mas duro como pedra. Ele se aproxima de mim, e eu me afasto instintivamente. Porém, em vez de tentar me segurar, ele se abaixa e puxa o baú de debaixo da cama, depois tenta abrir a tampa. Ela não se move.

O medo rasga a minha barriga como uma navalha. Belisco a bainha da camisa, mas não consigo sentir as pontas dos meus dedos.

– Sua mãe disse que isto servia para guardar cobertores – diz ele.

– Que você sentia frio à noite. Mas eu sempre quis saber, se ainda há cobertores aqui dentro, por que você o mantém trancado.

Ele estende a mão com a palma para cima e ergue as sobrancelhas ao olhar para mim. Sei o que ele quer: a chave. E preciso entregá-la, porque ele sabe quando estou mentindo; ele sabe tudo sobre mim. Agora, não consigo sentir as palmas das minhas mãos, e a respiração está começando: a respiração acelerada com que sempre fico quando sei que ele está prestes a explodir.

Fecho os olhos enquanto ele abre o baú.

– O que é isto? – Ele move as mãos descuidadamente sobre os objetos valiosos, espalhando-os para todos os lados. Ele os retira do

baú, um a um, e os joga na minha direção. – Para que você precisa *disto*, ou *disto*...?

Estremeço, objeto após objeto, e não tenho resposta. Não preciso deles. Não preciso de nenhum deles.

– Isto *fedé* a um capricho! – grita ele, depois empurra o baú da beirada da cama, fazendo o conteúdo se espalhar pelo chão – Isto envenena a nossa casa com egoísmo!

Também não consigo sentir meu rosto.

A mão dele atinge meu peito. Tropeço para trás e bato na cômoda. Depois, ele afasta a mão, preparando-se para me bater, e eu digo, com a garganta apertada de medo:

– A Cerimônia de Escolha, pai!

Ele para com a mão erguida, e eu tremo de medo, me encolhendo contra a cômoda, com a visão embaçada demais para enxergar. Ele geralmente tenta não deixar marcas no meu rosto, em especial antes de dias como o de amanhã, quando tantas pessoas voltarão seus olhos para mim, observando-me fazer a escolha.

Ele baixa a mão e, por um instante, penso que a violência acabou, que a ira foi contida. Mas, então, ele diz:

– Está bem. Espere aqui.

Eu me apoio na cômoda. Sei muito bem que ele não vai simplesmente embora, não vai pensar no que aconteceu e depois voltar para pedir desculpas. Ele nunca faz isso.

Ele voltará com um cinto, e as listras que ele entalha nas minhas costas serão facilmente escondidas por uma camisa e uma expressão obediente de Abnegação.

Eu me viro, com o tremor tomando conta do meu corpo. Agarro-me ao canto da cômoda e espero.

+ + +

À noite, durmo de bruços, com a dor mordendo cada um dos meus pensamentos, todos os meus bens quebrados no chão ao redor. Depois de me espancar até eu ser obrigado a enfiar o punho na boca para abafar os gritos, ele pisoteou cada um dos objetos até

quebrá-los ou amassá-los, tornando-os irreconhecíveis, depois lançou o baú contra a parede, soltando a tampa das dobradiças.

O pensamento surge de repente: *Se você escolher a Abnegação, nunca conseguirá escapar dele.*

Enfio a cara no travesseiro.

Mas não sou forte o bastante para resistir à inércia da Abnegação, ao medo que me impulsiona pelo caminho que meu pai traçou para mim.

+ + +

Na manhã seguinte tomo um banho frio, não para conservar recursos, como manda a Abnegação, mas porque isso diminui a dor nas minhas costas. Visto as roupas largas e simples da Abnegação bem devagar e paro diante do espelho do corredor para cortar o cabelo.

– Deixe-me ajudar – diz meu pai do final do corredor. – Afinal, é o seu Dia de Escolha.

Pouso a máquina de raspar cabelo sobre o canto formado pelo painel deslizante e tento ajeitar a postura. Ele para atrás de mim, e desvio os olhos quando a máquina começa a zunir. Há apenas um nivelador para a lâmina, apenas um comprimento de cabelo aceitável para os homens da Abnegação. Contraio o rosto enquanto os dedos dele estabilizam a minha cabeça e espero que ele não perceba, não veja como seu simples toque já me aterroriza.

– Você sabe o que esperar – diz ele.

Ele cobre o topo da minha orelha com a mão enquanto arrasta a máquina pela lateral da minha cabeça. Hoje, está tentando proteger a minha orelha de ser cortada pela máquina, mas ontem estava me surrando com um cinto. O pensamento parece veneno atravessando o meu corpo. É quase engraçado. Tenho vontade de rir.

– Você ficará parado no seu lugar; quando seu nome for chamado, irá para a frente e pegará sua faca. Depois, você se cortará e pingará uma gota de sangue no recipiente certo.

Nossos olhos se encontram no espelho, e sua boca quase forma um sorriso. Ele toca o meu ombro, e percebo que agora temos

quase a mesma altura e quase o mesmo tamanho, embora eu ainda me sinta bem menor.

Depois, ele diz gentilmente:

– A dor do corte passa rápido. E, então, sua escolha estará feita, e tudo estará acabado.

Será que ele se lembra do que aconteceu ontem, ou será que já guardou o evento em um compartimento separado da mente, mantendo sua metade monstro separada de sua metade pai? Eu, no entanto, não tenho esses compartimentos e consigo ver todas as suas identidades sobrepostas, como camadas: o monstro, o pai, o homem, o líder de conselho e o viúvo.

De repente, meu coração dispara, meu rosto esquenta e quase não consigo me segurar.

– Não se preocupe com a dor que vou sentir. Tenho muita experiência.

Durante um segundo, seus olhos no espelho são como adagas, e a raiva que me fortalece se esvai, substituída pelo medo habitual. Mas tudo o que ele faz é desligar a máquina, pousá-la sobre o canto do painel e descer a escada, deixando para mim a tarefa de varrer o cabelo cortado do chão, limpar os fios dos meus ombros e pescoço, e guardar a máquina na gaveta do banheiro.

Depois, volto para o meu quarto e encaro os objetos quebrados no chão. Cuidadosamente, reúno-os em uma pilha e os jogo na lixeira ao lado da minha mesa, peça por peça.

Contraindo o rosto, eu me levanto. Minhas pernas estão trêmulas.

Neste momento, encarando a vida vazia que construí para mim mesmo aqui, e os restos destruídos dos meus poucos pertences, eu penso: *preciso ir embora*.

É um pensamento potente. Sinto a sua força dentro de mim, como um sino tocando, então penso novamente. *Preciso ir embora*.

Caminho até a cama e enfio a mão sob o travesseiro, onde a escultura da minha mãe continua segura, azul e brilhando com a luz da manhã. Coloco-a sobre a mesa, ao lado da pilha de livros, e deixo o quarto, fechando a porta ao sair.

No andar de baixo, estou nervoso demais para comer, mas enfio uma fatia de torrada na boca mesmo assim, para que meu pai não

me faça perguntas. Eu não deveria me preocupar. Agora, ele está fingindo que não existo, fingindo que eu não faço uma careta de dor sempre que preciso me abaixar para pegar algo.

Preciso ir embora. Agora, isso virou um cântico, um mantra, a única coisa à qual ainda consigo me agarrar.

Ele acaba de ler as notícias que a Erudição publica todas as manhãs, e eu termino de lavar a louça que sujei, e deixamos a casa juntos sem uma única palavra. Caminhamos pela calçada, ele cumprimenta nossos vizinhos com um sorriso, e tudo está sempre em perfeita ordem para Marcus Eaton, exceto pelo seu filho. Exceto por mim; eu não estou em ordem, mas em constante caos.

Mas hoje isso é bom.

Entramos no ônibus e paramos no corredor para permitir que as pessoas se sentem ao nosso redor, em um retrato perfeito da deferência da Abnegação. Assisto aos outros passageiros embarcando, garotos e garotas falastrões da Franqueza, membros da Erudição, com seus semblantes estudiosos. Assisto aos outros membros da Abnegação se levantando para ceder o lugar. Hoje, todos estão indo para o mesmo lugar: o Eixo, um pilar preto a distância, com suas duas pontas apunhalando o céu.

Quando chegamos, meu pai apoia a mão no meu ombro conforme caminhamos até a entrada, lançando choques de dor pelo meu corpo.

Preciso ir embora.

É um pensamento desesperado, e a dor só o estimula mais a cada passo que dou enquanto subo as escadas até o andar da Cerimônia de Escolha. Tenho dificuldade em respirar, mas não é por causa das minhas pernas que ardem; é por causa do meu coração fraco, que se fortalece a cada segundo. Ao meu lado, Marcus enxuga gotas de suor da testa, e todos os outros membros da Abnegação fecham suas bocas para não ofegarem e parecerem estar reclamando.

Levanto os olhos e vejo os degraus diante de mim. E sou incendiado por esse pensamento, essa necessidade, essa chance de escapar.

Chegamos ao andar certo, e todos param para recobrar o fôlego antes de entrar. A sala é mal-iluminada, as janelas estão fechadas,

as cadeiras ordenadas ao redor de um círculo de recipientes de vidro, água, pedras, carvão e terra. Encontro o meu lugar na fileira, entre uma garota da Abnegação e um garoto da Amizade. Marcus para na minha frente.

– Você sabe o que deve fazer – diz ele, e parece estar falando mais consigo mesmo do que comigo. – Você sabe qual é a escolha certa. Eu sei que você sabe.

Apenas olho para um ponto abaixo dos seus olhos.

– Nos vemos em breve – diz ele.

Ele caminha em direção à seção da Abnegação e se senta na primeira fileira com alguns dos outros líderes do conselho. As pessoas aos poucos encham o salão, os que vão fazer a escolha ficam em pé a um canto, e os que estão assistindo à cerimônia se sentam em cadeiras no centro. As portas são fechadas, e há um momento de silêncio enquanto o representante do conselho da Audácia caminha até o pódio. Seu nome é Max. Ele agarra o canto do pódio, e consigo ver, até mesmo daqui, que seus punhos estão feridos.

Será que eles aprendem a lutar na Audácia? Certamente, sim.

– Sejam bem-vindos à Cerimônia de Escolha – diz Max, e sua voz grave preenche facilmente o salão. Ele não precisa do microfone; sua voz é alta e potente o bastante para penetrar meu crânio e envolver meu cérebro. – Hoje, vocês vão escolher as suas facções. Até hoje, vocês seguiram os caminhos dos seus pais, as regras dos seus pais. Hoje, encontrarão seus próprios caminhos, criarão suas próprias regras.

Quase consigo ver meu pai contrair os lábios em desdém ao ouvir um discurso tão típico da Audácia. Conheço os hábitos dele tão bem que quase o imito, embora não compartilhe o sentimento. Não tenho nenhuma opinião em relação à Audácia.

– Há muito tempo, nossos ancestrais perceberam que cada um de nós, cada indivíduo, era responsável pelo mal que existe no mundo. Mas eles não concordaram sobre o que exatamente era esse mal – diz Max. – Alguns diziam que era a desonestidade...

Penso nas mentiras que já contei, ano após ano, sobre determinada ferida ou corte, e nas minhas omissões quando guardei

os segredos de Marcus.

– Alguns diziam que era a ignorância, outros, a agressividade...

Penso na paz dos pomares da Amizade, e na liberdade que encontraria lá, longe da violência e da crueldade.

– Alguns diziam que a causa era o egoísmo.

Isto é para o seu próprio bem, foi o que disse Marcus antes do primeiro golpe. Como se me bater fosse um ato de sacrifício. Como se doesse nele também. Bem, *e/e* não estava mancando pela cozinha hoje de manhã.

– E o último grupo disse que a culpa era da covardia.

Alguns membros da Audácia gritam e assobiam, e o restante dos integrantes da facção cai na gargalhada. Penso no medo que me engoliu ontem, até eu não conseguir sentir mais nada, até eu não conseguir mais respirar. Penso nos anos em que fiquei esmagado no chão, sob os pés do meu pai.

– Foi assim que criamos as nossas facções: Franqueza, Erudição, Amizade, Abnegação e Audácia. – Max abre um sorriso. – Nelas, encontramos administradores, professores, conselheiros, líderes e protetores. Nelas, encontramos nosso senso de pertencimento, nosso senso de comunidade, nossas próprias vidas. – Ele limpa a garganta. – Mas chega disso. Vamos direto ao ponto. Venham para a frente e peguem as suas facas, depois façam a escolha. O primeiro é Zellner, Gregory.

Faz sentido que a dor me siga da minha vida antiga até a minha vida nova, através da faca cortando a palma da minha mão. Apesar disso, mesmo hoje de manhã, eu não sabia qual facção escolheria como refúgio. Gregory Zellner posiciona sua mão sangrenta sobre o recipiente de terra, escolhendo a Amizade.

A Amizade parece a escolha óbvia para um refúgio, com sua vida pacífica, seus pomares cheirosos, sua comunidade sorridente. Lá eu encontraria o tipo de aceitação que busquei a vida inteira, e talvez, com o tempo, a facção pudesse me ensinar a me sentir mais seguro e confortável a respeito de quem sou.

Mas, ao olhar para as pessoas sentadas naquela seção, com suas roupas vermelhas e amarelas, vejo apenas pessoas inteiras e curadas, capazes de incentivar umas às outras, de apoiar umas às

outras. Eles são perfeitos demais, bondosos demais, para que alguém como eu seja levado aos seus braços por raiva e medo.

A cerimônia está andando rápido demais.

– Rogers, Helena.

Ela escolhe a Franqueza.

Sei o que acontece durante a iniciação da Franqueza. Ouvi alguém cochichar sobre isso na escola uma vez. Lá, eu seria obrigado a expor todos os meus segredos, desencavá-los com as minhas próprias unhas. Eu teria que me esfolar vivo para me juntar à Franqueza. Não, não posso fazer isso.

– Lovelace, Frederick.

Frederick Lovelace, todo vestido de azul, corta a palma da sua mão e pinga o seu sangue na água da Erudição, deixando-a de um tom rosado. Consigo aprender rápido o suficiente para a Erudição, mas também me conheço bem o bastante para compreender que sou volátil e emocional demais para um lugar como aquele. A facção me sufocaria, e o que quero é ser livre, e não ser enfiado em outra prisão.

Não demora muito para o nome da menina da Abnegação ao meu lado ser chamado.

– Erasmus, Anne.

Anne, outra que nunca encontrou mais do que algumas poucas palavras para dirigir a mim, tropeça para a frente e desce o corredor até o pódio de Max. Ela aceita a faca com as mãos trêmulas, corta a palma de uma delas, e a estende sobre o recipiente da Abnegação. Para ela, é fácil. Ela não tem motivo para fugir, apenas uma comunidade receptiva e bondosa para onde voltar. Além disso, há anos ninguém da Abnegação se transfere. É a facção mais leal, segundo as estatísticas da Cerimônia de Escolha.

– Eaton, Tobias.

Não estou nervoso ao descer o corredor até os recipientes, embora ainda não tenha feito a minha escolha. Max me entrega a faca, e envolvo o seu cabo com os meus dedos. O cabo é liso e frio, e a lâmina está limpa. Uma faca nova para cada pessoa, e uma nova escolha.

Ao caminhar até o centro da sala, até o centro dos recipientes, passo por Tori, a mulher que administrou o meu teste de aptidão. *É você quem precisará conviver com a sua escolha*, ela disse. O cabelo dela está preso, e consigo ver uma tatuagem em sua clavícula, quase no pescoço. Seus olhos encontram os meus com uma força peculiar, e eu a encaro de volta, impávido, ao me posicionar entre os recipientes.

Com qual opção conseguirei viver? Não com a Erudição ou a Franqueza. Nem com a Abnegação, o lugar de onde estou tentando escapar. Nem mesmo com a Amizade, para a qual estou danificado demais.

A verdade é que quero que a minha escolha seja uma faca atravessando o coração do meu pai, apunhalando-o, causando o máximo de dor, vergonha e decepção possível.

Apenas uma escolha tem esse poder.

Olho para ele, vejo-o assentir com a cabeça e abro um corte fundo na palma da minha mão, tão fundo que meus olhos lacrimejam de dor. Afasto as lágrimas, piscando, e fecho a mão em um punho, para permitir que o sangue se acumule. Os olhos dele são iguais aos meus, de um azul tão profundo que, nesta luz, parecem quase pretos, como fossos em seu crânio. Minhas costas latejam e doem, a camisa de colarinho arranha a minha pele ferida, a pele que ele marcou com o cinto.

Abro a mão sobre os carvões. Parece que eles queimam o meu estômago, enchendo-me até a borda com fogo e fumaça.

Eu estou livre.

+ + +

Não ouço a comemoração dos membros da Audácia; tudo o que ouço é um zumbido.

Minha facção é como uma criatura de muitos braços estendendo-se na minha direção. Caminho até eles e nem me dou o trabalho de olhar para trás para ver a expressão do meu pai. Recebo tapinhas nos braços, parabenizando-me pela escolha, e sigo até a parte de trás do grupo, com o sangue escorrendo pelos dedos.

Paro entre os outros iniciandos, ao lado de um garoto da Erudição de cabelo preto, que com um único olhar me avalia e logo me ignora. Não devo parecer grande coisa, vestindo o cinza da Abnegação, alto e magricelo, depois do estirão de crescimento do último ano. O corte na minha mão está quase jorrando, e o sangue pinga no chão e escorre pelo meu pulso. Enfiei a faca fundo demais.

Enquanto as últimas pessoas escolhem, belisco a bainha da minha camisa larga da Abnegação entre os dedos e a rasgo. Arranco uma tira de tecido da frente da camisa e envolvo a mão nela para estancar o sangramento. Não precisarei mais destas roupas.

Os membros da Audácia sentados à nossa frente se levantam assim que a última pessoa escolhe e correm em direção às portas, carregando-me junto. Viro-me logo antes de atravessar a porta, sem conseguir me conter, e vejo meu pai, ainda sentado na primeira fileira, com alguns outros membros da Abnegação ao redor. Ele parece atordoado.

Abro um pequeno sorriso. Eu consegui. *Consegui* botar aquela expressão na cara dele. Não sou a criança perfeita da Abnegação, fadada a ser engolida por inteiro pelo sistema e dissolvida em meio à obscuridade. Não, sou a primeira pessoa a se transferir da Abnegação para a Audácia em mais de uma década.

Viro e começo a correr para alcançar os outros, porque não quero ficar para trás. Antes de deixar o salão, desabotoo a camisa de manga comprida rasgada e deixo-a cair no chão. A camiseta cinza que uso por baixo também é grande demais para mim, mas é mais escura e se mistura melhor com as roupas pretas da Audácia.

Eles descem as escadas de maneira barulhenta, abrindo as portas aos encontros, rindo e gritando. Sinto as minhas costas, ombros, pulmões e pernas queimando e, de repente, já não tenho mais certeza de ter feito a escolha certa, de ter escolhido as pessoas certas a quem me juntar. Eles são tão barulhentos e selvagens. Será que conseguirei mesmo criar um lugar para mim entre eles? Não sei.

Acho que não tenho escolha.

Abro caminho, procurando os outros iniciandos, mas eles parecem ter desaparecido. Vou até a lateral do grupo, tentando ver para onde estamos indo, e avisto os trilhos de trem suspensos sobre a rua à

nossa frente, em uma grade entrelaçada de madeira e metal. Os membros da Audácia sobem a escada e se espalham pela plataforma. Ao pé da escada há tanta gente que não consigo passar, mas sei que se eu não subir a escada logo posso perder o trem, então decido abrir caminho à força. Preciso cerrar os dentes para me segurar e não pedir desculpas enquanto acotovelo pessoas para que saiam da minha frente, e a multidão me empurra escada acima.

– Você até que corre bem – diz Tori ao se aproximar de mim na plataforma. – Para um garoto da Abnegação, pelo menos.

– Obrigado.

– Você sabe o que acontece agora, não sabe? – Ela vira e aponta para a luz distante, na frente do trem que se aproxima. – O trem não vai parar. Ele vai apenas desacelerar um pouco. E, se você não conseguir embarcar, já era para você. Você se tornará um sem-facção. É bem fácil ser expulso.

Assinto com a cabeça. O fato de a prova de iniciação ter começado no segundo em que deixamos a Cerimônia de Escolha não me surpreende. E a Audácia esperar que eu prove do que sou capaz também não me surpreende. Assisto ao trem se aproximando. Já consigo ouvi-lo apitando sobre os trilhos.

Ela sorri para mim.

– Você vai se sair muito bem aqui, não é mesmo?

– Por que diz isso?

Ela dá de ombros.

– Você me parece alguém que está disposto a lutar, só isso.

O trem se aproxima ruidosamente de nós, e os membros da Audácia começam a saltar para dentro. Tori corre em direção à beirada da plataforma, e eu a sigo, imitando a sua postura e os seus movimentos enquanto ela se prepara para saltar. Ela agarra a barra na beirada da porta e lança o corpo para dentro, então faço o mesmo, a princípio com dificuldade, mas depois iço o corpo para dentro.

Mas não estou preparado para a curva do trem e tropeço, batendo com o rosto na parede de metal. Seguro o meu nariz dolorido.

– Quanta elegância – observa um garoto da Audácia dentro do trem. Ele é mais jovem do que Tori, tem a pele escura e um sorriso

simpático.

– Requite é coisa dos metidos da Erudição – comenta Tori. – Ele conseguiu entrar no trem, Amah, e é o que importa.

– Mas ele deveria estar no outro vagão. Com os outros iniciandos – diz Amah. Ele me encara, porém não da mesma maneira que o garoto transferido da Erudição fez há alguns minutos. Parece mais curioso do que qualquer outra coisa, como se eu fosse algo estranho que ele precisa examinar com cuidado para entender. – Se ele é seu amigo, acho que não tem problema. Qual é o seu nome, Careta?

Meu nome está na ponta da língua assim que ele faz a pergunta, e estou prestes a responder como sempre fiz, que sou Tobias Eaton. Isso deveria ser natural, mas, naquele momento, não consigo dizer meu nome em voz alta, não aqui, entre as pessoas que esperava que fossem meus novos amigos, minha nova família. Não posso, não *serei* mais o filho de Marcus Eaton.

– Você pode me chamar de “Careta”. Não estou nem aí – digo, experimentando o tipo de gracejo ácido da Audácia, que até hoje só ouvi nos corredores e nas salas de aula da escola. O vento invade o vagão à medida que o trem acelera, e o volume é *alto*, rugindo nos meus ouvidos.

Tori olha para mim de forma estranha, e, por um segundo, temo que ela revele o meu nome para Amah. Com certeza ela ainda se lembra dele, por conta do teste de aptidão. Mas ela apenas assente de leve, e, aliviado, volto-me para a porta aberta, ainda segurando a barra lateral.

Nunca me ocorreu que eu poderia um dia me recusar a revelar a alguém meu nome, ou que eu poderia fornecer um nome falso, construir uma identidade nova para mim mesmo. Aqui, sou livre. Livre para responder rispidamente às pessoas, para me recusar a fazer algo que elas pedirem e até mesmo mentir.

Vejo a rua entre as vigas de madeira que sustentam os trilhos do trem, apenas um andar abaixo de nós. Mais adiante, os velhos trilhos dão lugar a trilhos mais novos, e a plataforma fica mais alta, enroscando-se nos telhados dos prédios. A subida é gradual, eu nem a perceberia se não estivesse encarando o chão enquanto nos afastamos cada vez mais dele e nos aproximamos do céu.

O medo enfraquece minhas pernas, então me afasto da porta e me agacho junto a uma parede, à espera do nosso destino.

+ + +

Ainda estou na mesma posição, agachado junto à parede, com a cabeça nas mãos, quando Amah me cutuca com o pé.

– Levante-se, Careta – diz ele, mas não com rispidez. – Está quase na hora de saltar.

– Saltar? – pergunto.

– É. – Ele abre um sorriso debochado. – Este trem não para pra ninguém.

Levanto-me com dificuldade. O pano que enrolei na minha mão está encharcado e vermelho. Tori vem logo atrás de mim e me empurra em direção à porta.

– Deixem que o iniciando salte primeiro.

– O que você está fazendo? – pergunto, olhando-a feio.

– Estou lhe fazendo um favor! – responde ela, empurrando-me outra vez em direção à porta.

Os outros membros da Audácia abrem caminho para mim, todos sorrindo como se eu fosse uma presa. Arrasto os pés até a beirada, agarrando a barra com tanta força que meus dedos começam a ficar dormentes. Vejo o local para onde devo saltar. Mais adiante, os trilhos ficam bem próximos do telhado de um prédio, antes de fazer uma curva. Daqui o vão parece pequeno, mas, à medida que o trem se aproxima do telhado, ele fica cada vez mais largo, e a minha morte iminente parece cada vez mais provável.

Todo o meu corpo treme enquanto os membros da Audácia nos vagões à nossa frente começam a saltar. Nenhum deles erra o salto, mas isso não significa que não serei o primeiro. Solto os dedos da barra, encaro o telhado e dou o máximo de impulso que consigo.

O impacto atravessa o meu corpo, e desabo para a frente, com as mãos e os joelhos no chão, e os cascalhos do telhado perfuram a ferida na palma da minha mão. Olho para meus dedos. É como se o tempo avançasse, e meu salto simplesmente tivesse desaparecido de minha visão e da memória.

– Droga – diz alguém atrás de mim. – Eu esperava que a gente pudesse varrer da calçada uma panqueca de Careta mais tarde.

Encaro o chão e me sento sobre os calcanhares. O telhado está inclinando e balançando sob mim. Não sabia que era possível ficar tonto de medo.

Mas sei que, pelo menos, acabo de passar em dois testes da iniciação: embarquei num trem em movimento e consegui saltar para o telhado. A questão agora é: como será que o pessoal da Audácia *desce* do telhado?

Pouco depois, Amah sobe na mureta, e eu tenho a minha resposta: eles vão nos obrigar a saltar.

Fecho os olhos e finjo que não estou ali, ajoelhado sobre estes cascalhos, com estas pessoas loucas e tatuadas ao redor de mim. Vim aqui para escapar, mas isto não é um escape, apenas uma forma diferente de tortura, e já é tarde demais para me livrar disso. Minha única opção, portanto, é sobreviver.

– Sejam bem-vindos à Audácia! – grita Amah. – Aqui, suas únicas opções são encarar os seus medos e tentar não morrer no processo, ou ir embora como covardes. Como era de se esperar, este ano tivemos o menor número de transferidos de facção da história.

Os membros da Audácia ao redor de Amah erguem os punhos e gritam, encarando o fato de que ninguém quer se juntar a eles como motivo de orgulho.

– A única maneira de chegar ao complexo da Audácia por este telhado é saltando desta mureta – explica Amah, abrindo os braços para indicar o espaço vazio à sua volta. Ele inclina o corpo para trás e balança os braços, como se estivesse prestes a cair, mas recobra o equilíbrio e abre um sorriso. Respiro fundo pelo nariz e prendo o ar.

– Como sempre, ofereço para os nossos iniciandos a oportunidade de ir primeiro, sejam eles nascidos na Audácia ou não. – Ele desce da mureta e gesticula na direção dela em seguida, com as sobranceiras erguidas.

Os jovens da Audácia perto da mureta se entreolham. Avisto, mais afastados, o garoto da Erudição que vi antes, uma garota da Amizade, dois garotos e uma garota da Franqueza. Somos apenas seis.

Um dos iniciandos da Audácia dá um passo à frente, um rapaz de pele escura que gesticula pedindo a torcida dos amigos.

– Vai, Zeke! – grita uma das garotas.

Zeke pula sobre a mureta, mas calcula mal o movimento e se desequilibra, caindo para a frente imediatamente. Ele grita algo ininteligível e desaparece. A menina da Franqueza quase arqueja, cobrindo a boca com a mão, mas os amigos de Zeke da Audácia caem na gargalhada. Acho que não foi o momento dramático e heroico que ele esperava.

Sorrindo, Amah gesticula outra vez para a mureta. Os nascidos na Audácia formam uma fila atrás dela, assim como o garoto da Erudição e a garota da Amizade. Sei que tenho que me juntar a eles, tenho que saltar, independentemente de como me sinta. Aproximo-me da fila, rígido, como se as minhas juntas fossem parafusos enferrujados. Amah olha para o relógio e passa a indicar o momento em que cada pessoa deve saltar, com intervalos de trinta segundos entre si.

A fila está encolhendo, dissolvendo.

De repente, a fila termina, e sou o único que resta. Subo na mureta e espero a indicação de Amah para saltar. O sol está se pondo atrás dos prédios distantes, cuja silhueta denteada não consigo reconhecer deste ângulo. A luz brilha, dourada, perto do horizonte, e o vento sopra, subindo pela lateral do prédio e balançando as roupas no meu corpo.

– Pode ir – diz Amah.

Fecho os olhos e fico paralisado; nem consigo me impulsionar para fora do telhado. Tudo o que consigo fazer é inclinar o corpo para a frente e cair. Meu estômago desaba e meus membros vasculham o ar, tentando se agarrar a alguma coisa, mas não há nada, apenas a queda, o ar, a busca desesperada pelo chão.

De repente, caio em uma rede.

Ela se enrosca ao redor do meu corpo, envolvendo-me em fios fortes. Mãos me chamam da beirada. Engancho os dedos na rede e me puxo na direção delas. Caio em pé sobre uma plataforma de madeira, e um homem com pele marrom-escura e punhos feridos sorri para mim. Max.

– O Careta! – Ele dá um tapa nas minhas costas, fazendo-me contrair o rosto em uma expressão de dor. – É bom ver que você chegou até aqui. Junte-se aos outros iniciandos. Amah deve descer em breve.

Atrás dele há um túnel escuro, com paredes de pedra. O complexo da Audácia fica no subterrâneo. Pensei que ele ficaria pendurado de um edifício alto por uma série de cordas frágeis, o que seria a concretização dos meus piores pesadelos.

Tento descer os degraus e me juntar aos outros iniciandos. Minhas pernas parecem ter voltado a funcionar. A garota da Amizade sorri para mim.

– Aquilo foi surpreendentemente divertido – diz ela. – Meu nome é Mia. Você está bem?

– Parece que ele está tentando não vomitar – diz um dos rapazes da Franqueza.

– Bota logo para fora, cara – diz o outro garoto da Franqueza. – Adoraríamos um espetáculo.

Minha resposta parece sair do nada, e eu digo, irritado:

– Cala a boca.

Para a minha surpresa, é exatamente isso que eles fazem. Acho que não estão acostumados a ouvir um “cala a boca” de alguém da Abnegação.

Alguns segundos depois, vejo Amah rolar para fora da rede. Ele desce a escada com um aspecto selvagem e amarrotado, como se estivesse pronto para a próxima acrobacia insana. Ele pede para todos os iniciandos se aproximarem, e nos reunimos na entrada do grande túnel, em semicírculo.

Amah junta as mãos em frente ao corpo.

– Meu nome é Amah – apresenta-se. – Sou seu instrutor de iniciação. Eu cresci aqui e, há três anos, passei na iniciação com mérito, o que significa que poderei ser o responsável pelos recém-chegados pelo tempo que quiser. Sorte de vocês.

“Os iniciandos nascidos na Audácia e os transferidos realizam a maior parte do treinamento físico separados, para que os nascidos na Audácia não quebrem os transferidos ao meio logo de cara... – Do outro lado do semicírculo, os iniciandos nascidos na Audácia

sorriem ao ouvir isso. – Mas, este ano, tentaremos algo diferente. Os líderes da Audácia e eu queremos saber se conhecer os seus medos antes do início do treinamento poderá prepará-los melhor para o restante da iniciação. Portanto, antes mesmo de permitir que vocês entrem no refeitório e jantem, vamos participar de uma sessão de autodescoberta. Sigam-me.

– E se eu não quiser me autodescobrir? – pergunta Zeke.

Basta um olhar de Amah para fazer Zeke se misturar novamente ao grupo de iniciandos nascidos na Audácia. Amah é diferente de qualquer pessoa que já conheci. Ele pode ser simpático em uma hora e rígido na outra, e às vezes é as duas coisas ao mesmo tempo.

Ele nos guia pelo túnel até chegarmos a uma porta construída na parede, que ele abre com o ombro. Nós o seguimos para dentro de uma sala úmida com uma enorme janela na parede do fundo. Sobre nossas cabeças, as luzes fluorescentes tremeluzem e piscam, e Amah começa a mexer em uma máquina que parece bastante com a usada no meu teste de aptidão. Ouço o som de algo pingando. Há uma goteira no teto que forma uma poça no canto da sala.

Outra sala enorme e vazia é visível do outro lado da janela. Há câmeras em todos os cantos. Será que há câmeras por todo o complexo da Audácia?

– Esta é a sala da paisagem do medo – anuncia Amah, sem tirar os olhos da máquina. – Uma paisagem do medo é uma simulação na qual vocês confrontarão os seus maiores medos.

Em uma mesa ao lado da máquina há uma fileira de seringas. Sob a luz tremeluzente elas me parecem sinistras, como se pudessem ser instrumentos de tortura, facas, lâminas e atizadores em brasa.

– Como isso é possível? – indaga o garoto da Erudição. – Vocês não sabem os nossos maiores medos.

– Eric, certo? – pergunta Amah. – Você tem razão, eu não sei quais são os seus maiores medos, mas o soro que injetarei em você estimulará as partes do seu cérebro que processam o medo, e você mesmo criará os obstáculos da simulação, de certa forma. Nesta simulação, ao contrário do teste de aptidão, você estará ciente de que o que verá não é real. Enquanto isso, eu estarei nesta sala, controlando a simulação, e posso fazer o programa embutido no

soro de simulação prosseguir para o próximo obstáculo uma vez que seu batimento cardíaco atinja determinada frequência, ou seja, uma vez que você tenha se acalmado ou enfrentado o medo de maneira significativa. Quando seus medos acabarem, o programa se encerrará e você “acordará” naquela sala novamente com um conhecimento maior dos seus próprios medos.

Ele pega umas das seringas e pede que Eric se aproxime.

– Permita que eu satisfaça a sua curiosidade da Erudição – diz ele.
– Você vai ser o primeiro.

– Mas...

– Mas – diz Amah suavemente – sou o seu instrutor de iniciação, e é melhor você fazer o que mando.

Eric fica parado por um instante, depois tira o casaco azul, dobra-o ao meio e o pousa sobre o encosto de uma cadeira. Seus movimentos são lentos e calculados, com a intenção, imagino, de irritar Amah o máximo possível. Eric se aproxima de Amah, que crava a seringa quase com selvageria na lateral do seu pescoço. Em seguida, ele guia Eric até a sala ao lado.

Quando Eric já está posicionado no meio da outra sala, atrás do vidro, Amah se conecta à máquina com eletrodos e aperta algo no monitor do computador atrás dela para iniciar o programa.

Eric está parado com as mãos abaixadas. Ele nos olha através da janela, e, um instante depois, apesar de não ter se movido, parece que está olhando para outra coisa, como se a simulação já tivesse começado. Mas ele não grita nem se debate ou chora, como eu esperaria que alguém fizesse ao encarar seus maiores medos. Seu batimento cardíaco, registrado pelo monitor diante de Amah, não para de subir, como um pássaro alçando voo.

Ele está com medo. Está com medo, mas não se move.

– O que está acontecendo? – pergunta Mia para mim. – O soro está funcionando?

Eu assinto com a cabeça.

Vejo Eric encher a barriga de ar e exalar pelo nariz. Seu corpo treme e estremece, como se o chão vibrasse sob seus pés, mas sua respiração é lenta e regular, e seus músculos se contraem e relaxam em intervalos de alguns segundos, como se ele os estivesse

tencionando acidentalmente, para depois corrigir seu erro. Olho para a sua frequência cardíaca no monitor diante de Amah conforme ela desacelera cada vez mais, até que Amah toca a tela, forçando o programa a seguir em frente. Isso acontece novamente com cada novo medo. Conto os medos que passam em silêncio, dez, onze, doze. Então Amah toca a tela pela última vez, e Eric relaxa o corpo. Ele pisca devagar, depois abre um sorriso debochado ao olhar para a janela.

Percebo que os iniciandos nascidos na Audácia, que costumam comentar tudo, ficam em silêncio. Isso deve significar que o que estou sentindo é correto, que Eric é alguém em quem devemos ficar de olho. Talvez até alguém que devemos temer.

+ + +

Durante mais de uma hora, vejo os outros iniciandos encararem seus medos, correndo, pulando e apontando armas invisíveis e, em alguns casos, deitados de bruços no chão, chorando. Às vezes, tenho uma ideia do que eles estão vendo, dos medos rastejantes que os atormentam, mas, na maioria dos casos, os vilões que tentam afastar são particulares, conhecidos apenas por eles e por Amah.

Fico perto dos fundos da sala, estremecendo sempre que ele chama a pessoa seguinte. Mas, de repente, sou o último, e Mia está acabando a sessão, retirada da paisagem do medo quando está agachada perto da parede dos fundos da sala, com a cabeça nas mãos. Ela se levanta, aparentemente esgotada, e se arrasta para fora da sala, sem esperar que Amah a dispense. Ele olha para a última seringa na mesa e depois para mim.

– Somos só eu e você agora, Careta – diz ele. – Venha, vamos acabar logo com isso.

Paro diante dele. Quase não sinto a agulha entrar; nunca tive medo de injeções, mas alguns dos outros iniciantes ficaram com os olhos marejados na vez deles. Entro na sala e encaro a janela, que, deste lado, parece um espelho. No momento antes de a simulação fazer efeito, consigo ver a mim mesmo da mesma maneira que os

outros devem me ver, com os ombros caídos e afogado nas roupas enormes, alto, ossudo e sangrando. Tento ajeitar a postura e me surpreendo com a diferença, com a sombra de força que vejo em mim mesmo logo antes de a sala desaparecer.

Imagens fragmentadas preenchem a sala: o horizonte da nossa cidade, o buraco na calçada sete andares abaixo de mim, a linha da mureta sob meus pés. O vento sobe pela lateral do prédio, mais forte do que quando estive ali na vida real, atingindo as minhas roupas com tanta força que elas estalam e me empurrando de todas as direções. De repente, o prédio cresce sob mim, afastando-me ainda mais do chão. O buraco fecha, e o cimento duro o cobre.

Encolho-me para longe da beirada, mas o vento não permite que eu recue. Meu coração bate mais forte e mais rápido enquanto confronto a realidade do que preciso fazer; preciso saltar outra vez, agora sem a garantia de que não haverá dor ao atingir o chão.

Uma panqueca de Careta.

Balanço as mãos, fecho os olhos com força e solto um grito entre dentes cerrados. Depois, sigo o empurrão do vento e desabo, rápido. Atinjo o chão.

Uma dor lancinante e escaldante atravessa o meu corpo apenas por um segundo.

Eu me levanto, limpo a poeira das bochechas e espero o obstáculo seguinte. Não tenho a menor ideia do que será. Não dediquei muito tempo para pensar sobre meus medos ou até mesmo sobre o que significaria libertar-me do medo, vencê-lo. Ocorre-me que, sem o medo, eu poderia ser forte, poderoso, implacável. A ideia me seduz por apenas um segundo, quando sou atingido nas costas com força.

Depois, algo atinge a minha costela esquerda, então direita, e, de repente, estou enclausurado em uma caixa onde cabe apenas o meu corpo. A princípio, o choque me protege do pânico, mas depois respiro o ar estagnado e encaro a escuridão, e minhas entranhas se espremem cada vez mais. Não consigo mais respirar. Não consigo respirar.

Mordo o lábio para evitar um soluço. Não quero que Amah me veja chorar, não quero que ele diga para os outros membros da Audácia que sou um covarde. Preciso pensar, mas não consigo,

sufocado dentro da caixa. A parede às minhas costas é a mesma das lembranças de quando eu era criança, trancado na escuridão do corredor do segundo andar, de castigo. Eu nunca sabia quando aquilo acabaria, quantas horas passaria lá, preso com monstros imaginários, aterrorizando-me na escuridão, com o som do choro da minha mãe atravessando as paredes.

Esmurro a parede à minha frente várias vezes, depois a arranho, embora as farpas machuquem a pele sob minhas unhas. Levanto os antebraços e atinjo a caixa com todo o peso do corpo, sem parar, fechando os olhos para fingir que não estou aqui dentro, não estou. *Deixe-me sair deixe-me sair deixe-me sair deixe-me sair.*

– Pense em uma solução, Careta! – grita uma voz, e eu fico paralisado. Lembro-me de que isso é uma simulação.

Pense em uma solução. Do que preciso para sair desta caixa? Preciso de uma ferramenta, algo mais forte do que eu. Esbarro em algo com os dedos do pé e me agacho para pegá-lo. Mas, ao fazer isso, o topo da caixa se move comigo, e não consigo mais levantar o corpo. Engulo um grito e encontro a ponta afiada de um pé-de-cabra com os dedos. Eu o enfio entre as tábuas que formam o canto esquerdo da caixa e empurro com toda a minha força.

Todas as tábuas abrem ao mesmo tempo e se espalham no chão ao meu redor. Respiro o ar fresco, aliviado.

De repente, uma mulher aparece diante de mim. Não reconheço o seu rosto, e suas roupas são brancas, não pertencem a nenhuma facção. Caminho em direção a ela, e uma mesa surge diante de mim, com uma arma e uma bala sobre ela. Franzo a testa ao olhar para ela.

Isso é um medo?

– Quem é você? – pergunto, mas ela não responde.

O que preciso fazer está claro: carregar a arma e disparar a bala. O terror se assoma dentro de mim, tão poderoso quanto qualquer medo. Minha boca fica seca, e, sem jeito, pego a arma e a bala. Nunca segurei uma arma e demoro alguns segundos para descobrir como abrir o pente da pistola. Nesses segundos, penso na luz dos olhos dela se apagando, esta mulher desconhecida, que não conheço bem o bastante para me importar.

Estou com medo. Estou com medo do que serei obrigado a fazer na Audácia, do que terei vontade de fazer.

Medo de que possa haver algum tipo de violência oculta dentro de mim, forjada pelo meu pai e pelos anos de silêncio aos quais minha facção me submeteu.

Coloco a bala dentro do pente, depois seguro a arma com as duas mãos, e o corte na minha mão lateja. Olho para o rosto da mulher. O lábio inferior dela estremece, e os olhos dela se enchem de lágrimas.

– Perdão – digo, e aperto o gatilho.

Vejo o buraco escuro que a bala cria no corpo dela, e ela desaba, evaporando em uma nuvem de poeira ao atingir o chão.

Mas o terror não passa. Sei que há mais por vir; consigo sentir algo se assomando dentro de mim. Marcus ainda não apareceu, e ele aparecerá, sei disso como sei o meu próprio nome. O nosso nome.

Um círculo de luz me envolve, e, na extremidade, vejo sapatos cinzentos e gastos se aproximando. Marcus Eaton aparece na beirada da luz, mas não o Marcus Eaton que conheço. Este tem fossos no lugar dos olhos e uma enorme bocarra preta onde deveria estar a boca.

Outro Marcus Eaton para ao seu lado, e, aos poucos, ao redor de todo o círculo, versões cada vez mais monstruosas do meu pai se aproximam para me cercar, com bocas largas e desdentadas escancaradas, cabeças inclinadas de maneira estranha. Cerro os punhos. Não é real. É óbvio que não é real.

O primeiro Marcus desafivela o cinto e o tira da cintura, passador após passador, e, enquanto faz isto, os outros Marcus repetem o movimento. Então os cintos se transformam em cordas de metal com pontas farpadas. Eles arrastam os cintos em linhas pelo chão, com suas línguas pretas e oleosas deslizando pelas beiradas das bocas escuras. De repente, eles levantam as cordas de metal, e eu solto um grito com toda a força, protegendo a cabeça com os braços.

– É para o seu bem – dizem os Marcus com vozes metálicas, em uníssono, como um coral.

Sinto a dor rasgar, lacerar, retalhar. Caio de joelhos e ponho os braços ao redor da cabeça, como se eles pudessem me proteger, mas nada pode me proteger, nada. Solto outro grito, e mais outro, e mais outro, mas a dor continua, assim como a voz:

– Não aceitarei caprichos dentro da minha casa!

– Não criei o meu filho para ser um mentiroso!

Não consigo escutar, não vou escutar.

Uma imagem da escultura que minha mãe me deu surge na minha mente de forma espontânea. Vejo-a onde a coloquei, sobre a mesa, e a dor começa a recuar. Concentro todo o pensamento na escultura e nos outros objetos espalhados ao redor do quarto, quebrados, e na tampa do baú, solta das dobradiças. Lembro-me das mãos da minha mãe, com seus dedos finos, fechando o baú, trancando-o e me entregando a chave.

Uma por uma, as vozes desaparecem, até que não resta mais nenhuma.

Deixo meus braços desabarem no chão, esperando o próximo obstáculo. As juntas dos meus dedos arrastam no chão de pedra, frio e granuloso de terra. Ouço passos e me preparo para o que virá a seguir, mas então escuto a voz de Amah:

– Já? Já acabou? Meu Deus, Careta.

Ele para ao meu lado e me oferece a mão. Eu a seguro e deixo que ele me ajude a levantar. Não olho para ele. Não quero ver a sua expressão. Não quero que ele saiba o que sabe, não quero ser o iniciando patético com uma infância problemática.

– Acho que devemos arrumar outro nome para você – diz ele, com naturalidade. – Algo mais durão do que “Careta”. Como “Lâmina”, “Matador” ou algo assim.

Então, olho para ele. Ele está sorrindo um pouco. Vejo alguma pena em seu sorriso, mas não tanto quanto pensei que veria.

– Se eu fosse você, também não iria querer revelar o meu nome para as pessoas. Venha, vamos arrumar alguma coisa para comer.

+ + +

Ao chegarmos no refeitório, Amah me guia até a mesa dos iniciandos. Alguns membros da Audácia já estão sentados ao redor, de olho no outro lado do salão, de onde chefs com piercings e tatuagens ainda trazem a comida. O refeitório é uma caverna iluminada de baixo por luzes azul-esbranquiçadas que banham tudo em um brilho misterioso.

Sento-me em uma das cadeiras vazias.

– Nossa, Careta. Você parece prestes a desmaiar – diz Eric, e um dos garotos da Franqueza abre um sorriso.

– Todos vocês saíram vivos – diz Amah. – Parabéns. Vocês sobreviveram ao primeiro dia de iniciação, com níveis diferentes de sucesso. – Ele olha para Eric. – Mas nenhum de vocês se saiu tão bem quanto Quatro aqui.

Ele aponta para mim ao falar. Franzo a testa. Quatro? Ele está se referindo aos meus medos?

– Ei, Tori – grita Amah por cima do ombro. – Você já ouviu falar em alguém que tenha apenas quatro medos na paisagem do medo?

– Pelo que sei, o recorde era sete ou oito. Por quê? – grita Tori de volta.

– Tenho um transferido aqui com apenas quatro medos.

Tori aponta para mim, e Amah assente.

– É um novo recorde – comenta Tori.

– Muito bem – diz Amah para mim. Depois, ele se vira e caminha até a mesa de Tori.

Todos os outros iniciandos me encaram de olhos arregalados, em silêncio. Antes da paisagem do medo, eu era apenas alguém em quem eles podiam pisar em seu caminho para entrar na Audácia. Agora, sou como Eric. Alguém em quem eles precisam ficar de olho, ou talvez até temer.

Amah me deu mais do que um novo nome. Ele me deu poder.

– Qual é o seu nome verdadeiro mesmo? Começa com um *E*...? – pergunta Eric, com os olhos entreabertos. Como se ele soubesse algo, mas não tivesse certeza de que é o momento certo para compartilhar a informação.

Os outros talvez também tenham uma vaga lembrança do meu nome, da Cerimônia de Escolha, assim como eu tenho dos deles,

apenas como letras do alfabeto enterradas sob uma névoa de nervosismo enquanto eu esperava a minha vez. Se eu causar impacto agora, o máximo que conseguir, e me tornar o mais próximo de ser memorável como alguém da Audácia, talvez consiga me salvar.

Hesito por um instante, depois apoio os cotovelos na mesa e ergo uma sobrancelha ao olhar para ele.

– Meu nome é Quatro. Se você me chamar de “Careta” mais uma vez, nós dois teremos um problema.

Ele revira os olhos, mas sei que fui bastante claro. Tenho um novo nome, e isso significa que posso ser uma nova pessoa. Alguém que não aceita comentários agressivos de sabichões da Erudição. Alguém que sabe ser agressivo de volta.

Alguém, enfim, pronto para lutar.

Quatro.

Título Original
THE TRANSFER:
A Divergent Story

Copyright © 2013 by Veronica Roth

Edição brasileira publicada mediante acordo com HarperCollins
Children's Books, uma divisão da HarperCollins Publishers

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
FLORA PINHEIRO

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
FABIAN J. TONACK

Edição Digital: abril 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R754t

Roth, Veronica

A transferência [recurso eletrônico] / Veronica Roth ; tradução Lucas Peterson. - 1.
ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.

recurso digital

Tradução de: The transfer – a divergent story

ISBN 978-85-8122-375-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Peterson, Lucas. II. Título.
14-10753 CDD: 028.5
CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

A AUTORA

VERONICA ROTH é uma autora de sucesso internacional. *Divergente*, o primeiro título de sua trilogia de estreia, alcançou o primeiro lugar dos mais vendidos do *New York Times*. Atualmente, ela mora em Chicago, nos Estados Unidos, com seu marido.

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Sumário](#)

[A transferência](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)